

A close-up photograph of a snake's head, focusing on its large, detailed eye. The snake has a patterned green and black skin. The background is a soft, out-of-focus blue-grey.

EGO E FELICIDADE

Hélio Couto
Osho

Canalização

EGO E FELICIDADE

Canalização: Prof. Hélio Couto e Osho

Boa Tarde a Todos. Obrigado pela presença.

Ego e felicidade. Deveria ser algo muito simples ter felicidade ou ser feliz. Deveria ser a coisa mais banal do mundo. Deveria ser o normal e apenas termos pouquíssimos casos patológicos com algum problema na vida. Então, sete bilhões de pessoas felizes e algumas poucas infelizes, digamos assim – isso seria o normal. Neste planeta é justamente o inverso; pouquíssimas pessoas felizes e a imensa maioria infeliz porque não tem casa, carro, apartamento, barco, avião, *Camaro*, fazenda com cento e cinquenta mil cabeças de gado etc.

Jung escreveu trinta e cinco livros sobre esse problema; é “isso aqui” (*um volume extenso*). Oitenta e tantos anos de vida, escrevendo sem parar, para deixar o assunto o máximo possível documentado, de como ser feliz. E? Nem sabem que Jung existiu, nem sabem que arquétipo existiu. Porque mais de um bilhão de pessoas têm US\$2 (dois dólares) por dia para viver – comer, vestir, transportar e morar - US\$2 por dia, mais de um bilhão. A classe média se debate o tempo inteiro com a casa, carro, apartamento. A vantagem de ser terapeuta é que temos a anamnese de um número enorme de pessoas; então, há uma amostragem estatística, científica, perfeita da humanidade. E não tem como fugir desta questão. E, se não é casa, carro, apartamento, é o relacionamento; ou é uma coisa ou é outra; ou é relacionamento ou é dinheiro, poder, etc. Isso tudo é uma verdadeira tragédia, literalmente, porque não precisa ser desta forma, de maneira alguma.

Mas a solução disso pode ser “assim” (*um estalar de dedos*), um triz. Todas as pessoas que estão nesta palestra, podem sair daqui totalmente felizes para o resto da vida. Pois é. Mas, infelizmente, há muito mais, há muito mais. Isso deveria acontecer com um mês de Ressonância. No segundo e no terceiro mês, a maioria absoluta desiste e abandona, porque não conseguiu a “casa, carro, apartamento, namorado”; fim. Não dão nem tempo do trabalho funcionar. Existe um protocolo no [site \(www.heliocouto.com\)](http://www.heliocouto.com) – *Evolução da RH*), descrevendo o que vai acontecer no primeiro mês, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto; após doze, dezoito, vinte e quatro meses; há um protocolo, lá, descrevendo. É um trabalho de médio prazo. Mas, falam: “Não; se no primeiro ou, no máximo, no segundo mês, eu não conseguir o que quero abandono”.

Por que a pessoa não consegue o que quer, mesmo quando está sendo colocando toda a frequência para que ela consiga tudo o que quer? Por que não consegue? Porque não entende como funciona o Universo. É simples. Como é que você pode ter resultado, se está inserido num sistema, em que não tem quase nenhuma ideia de como funciona? Se você ganhasse um televisor, que viesse com um controle remoto de cem funções, escrito em Coreano, com cem cores, quando conseguiria usar a televisão com os recursos que ela tem? Sabe quando? Nunca ou muito tempo. Levaria muito tempo para testar tudo, liga e desliga, canal para baixo e para cima, e volume; o resto, desistiria rapidamente. E o manual? Não há manual, não há manual.

Quando nascemos, aqui, não há manual. Você “acorda”, abre os olhos, quer dizer, arrancam você, lhe batem, normalmente, para lhe mostrar aonde você chegou, como é que a coisa funciona no planeta Terra. Você já chega apanhando, que é para ir se acostumando como funciona isto aqui. Então, já sai traumatizado, não é mesmo? Em seguida, acontece algo, que precisa acontecer, mas seria por pouquíssimo tempo; algo a que Jung deu o nome de “inflação”. Para que Jung pudesse fazer seu trabalho, ele precisou codificar aquilo que falava e escrevia, com termos, alguns novos, para que muitas pessoas não entendessem e assim, ele pudesse trabalhar até o fim da vida. Se ele escrevesse abertamente, com vinte e poucos anos ele já teria ido

embora e não seria possível fazer nada. Por isso, ele precisou “inventar” uma série de terminologias. Se vocês forem ler os trinta e cinco volumes, verão que é um tanto quanto complicado, à primeira vista, se você não entende o que ele está tentando passar. E o objetivo foi esse mesmo, para que ele pudesse terminar o trabalho. E em algumas questões, ele foi bem explícito, quando disse à sua mulher que o “Os Sete Sermões aos Mortos”, só deveriam ser publicados após sua morte, porque senão acabaria o trabalho dele com vinte e poucos anos. Ele sabia muito bem onde estava pisando, e que precisaria ter uma estratégia para poder codificar tudo isso, para que cem anos depois, nós pudéssemos vir aqui e falar: “Olhe, existem trinta e cinco volumes analisando, exaustivamente, como ser feliz. E toda a ‘receita de bolo’ está nos trinta e cinco volumes”.

Voltem um pouco. O problema do território e do mapa é a chave da evolução das pessoas, mas as pessoas confundem mapa com território. Território é o real, o mundo objetivo. E mapa é aquilo que “enfiaram” na cabeça das pessoas desde que nasceram. Tudo aquilo que contaram e todo o sistema de crenças passado para as pessoas é o mapa. “O mundo funciona ‘assim, assim, assim’, o Universo é ‘assim, assim, assado’ etc.”. Então, *n* histórias contadas. Se vocês lerem o Joseph Campbell, os quatro volumes de “As Máscaras de Deus”, verão as infinitas possibilidades de se criar histórias sobre como é o Universo e como ele funciona ou como *não* funciona, porque aquelas histórias todas que estão nos livros, são sobre como ele *não* funciona. Tudo aquilo que já passaram para vocês, 99%, é sobre o que *não* funciona, o que *não* é real. E é por isso que as pessoas não têm resultados.

Se a pessoa tivesse um mapa igual ao território e seguisse o mapa, teria resultados. Não teria nenhum problema de casa, carro, apartamento, etc.. Isso seria ridículo, nem teríamos que vir aqui falar de um assunto desses. Teríamos que falar ou poderíamos – quem sabe um dia – uns *degrauzinhos* para cima – porque, por enquanto, ficamos como está. Na próxima quinta-feira, quando ocorrer o atendimento, quais serão os pedidos? Casa, carro, apartamento etc. Então, enquanto isso não é resolvido, nada mais anda. É como já falei da escala de Maslow, os cinco degraus da escala de necessidades humanas de Maslow – sobrevivência pessoal, da espécie, poder, autoconhecimento e espiritualidade. A classe média está parada no segundo degrau há milênios e milênios e milênios, sempre. No primeiro degrau – fome. No segundo degrau, a preocupação é a reprodução da espécie – sexo, relacionamento. Pouquíssimas pessoas estão no terceiro degrau, que é o poder; menos ainda no autoconhecimento e menos ainda na espiritualidade, no quinto degrau.

Agora, vejam. Toda vez que se explica, ou se tenta explicar, como é o território, a “coisa ferve”. Por quê? Porque o planeta inteiro está organizado com interesses econômicos, políticos, sociais e militares; em cima do mapa que foi passado há milênios e milênios e milênios. Assim, se vocês atravessarem a rua – ali em frente há um bar; dentro da cooperativa – e forem falar para o dono do bar: “Olhe, pretendemos fazer uma palestra, aqui em frente, e contar como é a realidade, nua e crua, do planeta; logo, do Brasil, São Paulo, Santo André, Avenida Pereira Barreto (local onde estamos). E, se as pessoas entenderem como as coisas funcionam, o seu negócio tornar-se-á um pouco inviável; você terá que fazer outra coisa na vida”. Como vocês acham que será a reação dele, qual será a sua opinião? Vocês entenderam?

Então, imaginem. Se contar a realidade e afetar os interesses da venda de bebida ali do bar do nosso amigo, ele será totalmente contra a palestra, ou qualquer trabalho que explique a realidade e que afete seus negócios – lembram-se? Casa, carro, apartamento. Isso afetará a “casa, carro, apartamento” dele. Não passa pela cabeça do nosso amigo, que haverá outra economia e que ele continuará tendo trabalho e casa, carro, apartamento; aliás, de forma muito mais fácil. Nem passa pela cabeça dele pensar sobre isso. Não, ele só vê o que já conhece. “Agora, qual é o meu interesse? Não pode mexer nisso.” “Ninguém mexe no meu queijo”, não é assim? É isso, leiam o livro. Então, qual a possibilidade de haver uma mudança real e de se falar como é o território? Porque, se todo mundo, praticamente, está vivendo em cima de algo falso, na hora que souber como é o território, esse “castelo de cartas” se desfaz, as cartas caem. É evidente, não há outro

jeito. É preciso pegar o mapa, jogar no lixo e construir outro mapa em cima da realidade; simples. Qual é o problema de se fazer isso? Por que não se pode fazer isso? Há algum problema com a realidade? A realidade é tão horrível, é tão horripilante, que a população inteira precisa viver de sonho, de ilusão, de alucinação, de delírio, em cima de falsidades, para não ver a realidade?

É por isso que quando se fala: “Mecânica Quântica”, imediatamente há uma polarização total, guerra, desejo de exterminar todos que falam: “Mecânica Quântica”. Por quê? Porque, intuitivamente, as pessoas já desconfiam que esse conhecimento leve até o território e, se nos levar até o território, acabou o mapa, e se acabou o mapa, o bar da esquina “corre risco”. Então, o nosso amigo dono do bar, será totalmente contra a Mecânica Quântica, embora ele deva ter uns dois celulares, GPS, televisão, rádio, toda a parafernália eletrônica. Ele está felicíssimo com os “brinquedinhos” que permitem apertar o botãozinho e falar com o outro lado do mundo. Está tudo perfeito, desde que não se explique o que significa aquilo. Desde que você tenha o celular e aperte o botãozinho e ninguém lhe explique o que significa o celular, está tudo certo; porque o que significa é o real, é o território.

É por essa razão que os problemas se eternizam. Mas há um detalhe: não existe estabilidade nos problemas; os problemas aumentam, sem parar. Assim, a ilusão de que existe um mundo, uma civilização estável, que não “corre risco” nenhum, é pura ilusão. Todas as civilizações que desapareceram pensavam, exatamente, o que se pensa hoje, até um dia antes. Um dia antes ou dez minutos antes do navio Titanic bater, estava tudo calmo, tranquilo, o mar, estava tudo perfeito. Dez minutinhos antes.

Por que está se encaminhando para essa situação? Jung explicou isso, também. Ou cada ser humano do planeta resolve fazer uma busca interna para evoluir, olhar para dentro e procurar a própria evolução, ou os arquétipos que estão vivenciando aquela pessoa seguirão seu ritmo natural. Vou traduzir – Jung foi o único cientista que disse o seguinte: “Dentro do ser humano existem dois centros, dois centros, dois ocupantes”.

No mundo científico, ninguém ousou falar algo assim, e é por isso que Jung não é aceito até hoje no mundo científico. Jung só serve para ver, para usarem tipos psicológicos, para fazer seleção de pessoal, e acabou. De trinta e cinco volumes, usam quantos? Um ou duas páginas. Porque todos os trinta e cinco volumes são sobre essa questão dos dois centros. Isso é algo fácil de vocês perceberem. É só sentir.

Um centro é o ego. O ego, esse com *R.G.*, *C.P.F.*, que vocês têm, com o nome de nascimento. Ao seu lado, há outro centro, que é quem realmente comanda tudo. Imaginem a força que o ego faz para ignorar, de todas as formas possíveis, a existência do outro centro, a que Jung deu o nome de “*Self*”, com S maiúsculo, ou, traduzindo em Português, “Si mesmo”, com S maiúsculo. Como que a Ciência pode assimilar o trabalho de Jung? Dentro do paradigma atual, é totalmente impossível.

Então, há dois seres vivendo dentro de você, e você pode notar e sentir isso nas oscilações da sua vontade: ora você tem vontade de fazer uma coisa, ora faz outra, ora faz essa; você oscila o tempo todo. Isso, os que oscilam, porque uma imensa maioria não oscila nada, já pendeu para um centro, fica só no ego e ignora completamente, não quer nem saber que existe, esse outro centro. Jung não deixou tudo tão codificado. Se vocês lerem, verão que ele falou absolutamente claro. Quem é o “*Self*”, com S maiúsculo? Quem é?

Plateia: A Centelha Divina.

Prof. Hélio: É um dos nomes. Temos falado aqui no nome, dando a terminologia, “Centelha Divina”. É o nome metafísico, o nome “esotérico”.

Plateia: Oh, Hélio, são níveis de consciência?

Prof. Hélio: Não. Este é o problema. Não são níveis de consciência.

Plateia: É o *Self*?

Prof. Hélio: É. Mas vou trocar de nome, vou trocar de nome, porque sabem como é esse planeta. O “nome do boi”, aqui, é extremamente importante. Porque temos vários agrupamentos humanos pelo planeta, cada um tem um “boi” para si. Então, alguém pode pensar assim: “O meu boi é mais importante que o seu. Aliás, o seu é uma falsidade, não é boi; pois o único boi que existe é o meu”. Portanto, devemos exterminar todos os adeptos dos outros bois. Não é assim? Na História conhecida, faz seis mil anos que é desse jeito; guerras, guerras, guerras. Fizeram os cálculos, foram cerca de três mil guerras, em cinco mil anos. Três mil guerras; isso é o ser humano. Muitas guerras, a maior parte, digamos, por “casa, carro, apartamento” e a outra parte por causa do “boi”. E o “boi” é o mapa que passaram. Este é o problema.

Uma pessoa do lado da plateia, falou o nome: Deus. Vou usar essa terminologia para ver se fica absolutamente, claro. Falando “Centelha Divina” é capaz da “ficha não cair”. Pode ser questionado: “Do que será que ele está falando?” Então, vamos usar o nome que todo mundo usa, para ver se fica claro. Este outro centro é: O Próprio. Então, você tem dois moradores, sendo: Você tem consciência, “Penso, logo existo”. Se você for ao banheiro e olhar o espelho, você se reconhece – espero...

Plateia: (Risos)

Plateia: Geralmente.

Prof. Hélio: Geralmente.

A criança, imediatamente ao nascer ela “infla” – inflação. Então, o ego começa a se encher. E isso é necessário para que esse ser tenha saúde mental, seja forte, corajoso, autêntico etc., tenha todas as qualidades. É estritamente necessário que a criança desenvolva um ego forte, diferenciado. Isso deveria ser feito pelo ser o mais rápido possível – cinco, seis, sete, nove, dez anos, onze anos, seria o suficiente. Já possui um ego formado, daí começaria o processo que Jung chamou de “individuação”, que é a ligação entre o centro do ego com o centro do *Self*, Deus. Então, essa criança começaria a ligar-se a Deus e, gradualmente, o ego iria diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo, até ser, totalmente, incorporado por Deus. Os avatares, que de vez em quando vêm a esse planeta, são ou foram assim; não havia mais ego nenhum, só um centro. Então, podia realizar tudo aquilo que faziam e fizeram, porque só existia um centro. Não existia mais ego algum. Por isso que, dois mil anos atrás, Ele disse: “Eu e o Pai somos Um”, ponto. Não há dois; apenas um. Assim, onde está o outro? O outro sumiu; só existe um.

Um ser que está individuando, digamos assim, rapidamente, tem problema de “casa, carro, apartamento”? Nenhum problema mais existe para um ser assim. E todos os problemas existem para um ser que não é assim. E vão piorando, cada vez mais. Traduzindo: se a pessoa não entra num processo de individuação – e isso tem que ser consciente, por livre-arbítrio, de boa vontade, sem opor resistência, sem choramingar, sem reclamar, sem lamentar – os problemas desaparecerá rapidamente, ela não terá nada dessas necessidades “normais”. Agora, se a pessoa resiste à individuação, existem duas possibilidades: ou a individuação, ou a inflação. Não há muro para “ficar em cima”: ou infla ou tem individuação; não há outra escolha, não há alternativa – este é o território, nu e cru. Tudo isso a própria pessoa deveria comprovar por si mesma, não porque falaram do mapa. Se vocês seguem os que falaram do mapa, terão uma vida na zona de conforto, teoricamente, sem grandes atribulações, só as normais que vocês já veem aí pelo planeta todo e na sua vida, certo? A questão é simples: ou se aceita isso ou não se aceita. Vocês podem fazer a busca por si. Nietzsche resolveu fazer a busca por ele. Vocês ouvirão falar

“cobras e lagartos” dele. Por quê? Porque ele resolveu ir até o fim de qualquer caminho que escolhesse para descobrir a verdade.

Quem, aqui, assistiu ao filme “O Décimo Terceiro Andar”? Cerca de dez pessoas. No filme, o personagem principal começa a investigar um assassinato e, como ele persiste na busca, vai até o fim da cidade; quer dizer, rompe todas as barreiras, porque existe uma estrada, em pouco surge uma barreira, de onde não se passa, mas ele passa e vai em frente. Agora, todo mundo vai querer assistir ao filme, certo? Mas terei que estragar pelo menos uma parte... O que acontece se ele pega a estrada e vai até o fim e continuamente? Lá na frente vê que acaba o terreno, e só vê um trançado de linhas, um holograma. Todo aquele mundo, uma cidade inteira, enorme, era um holograma. Aí, era nível de consciência. Ele estava inserido ali; porém existe um perímetro onde acaba o holograma; enquanto ele está ali, acredita que aquilo é real.

Há um filme com o Jim Carrey em que, também, acontece a mesma história. Ele também vai até o final e descobre que era um tanque onde a cidade estava inserida, um *reality show*. É uma metáfora. Esses filmes são metáforas. O que a pessoa teria que fazer? Descobrir, por si só, qual é o território. Para isso, é simples: pegar qualquer caminho e ir a fundo nele. Qualquer coisa que vocês resolvam fazer, mas fazer seriamente, não fazer mais ou menos; ir a fundo à questão, qualquer que seja ela. Porque a verdade é uma só. Se você for a fundo a qualquer coisa, aonde você chegará? À verdade, ao território. O problema é ficar no meio, na “zona de conforto”; nesse caso, não chega a lugar nenhum.

Por isso que se fala, de vez em quando: “casa, carro, apartamento”; há pessoas que acham que eu venho aqui só para falar de casa, carro, apartamento, não é? Já que a população está tão preocupada com isso, era só levar a sério essa questão. Lutem para ganhar dinheiro, para comprar as casas, carros, apartamentos. Façam isso, seriamente, coloque todo o esforço, toda a mente, toda a energia, todo o intelecto, todo o tempo, nisso; dia e noite, sete dias por semana, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, ano após ano. Experimentem para ver o que vai acontecer. O “castelinho de cartas” desmorona em um mês. Vocês descobrirão que o mapa não é o território. Vendem um mapa de que todo mundo pode ter casa, carro, apartamento, de que todo mundo pode ter essas benesses materiais, do mundo. Todo mundo pode ter, é isso que é vendido, porque assim o escravo fica feliz e esperançoso. Lembram-se? “A esperança é a última que morre”, é mesmo, morre junto com o indivíduo.

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: Bastaria fazer isso. Peguem somente esse assunto – dinheiro, vão atrás, mergulhem nisso, tentem crescer, tentem, para vocês verem que, em pouquíssimo tempo, esbarrarão no mapa, “assim, assim” (*num estalar de dedos*). Como as pessoas se contentam em ficar na zona de conforto, então isso “passa batido”.

Quem leu o livro “O Sequestro da América”, e há um DVD do livro, chamado “Trabalho Interno”. Se quiserem ver o que é ego, uma descrição perfeita do que é ego, está nesse livro, “O Sequestro da América” - está nas livrarias. Vocês terão trezentas páginas – mais perfeito, impossível. Ali, está a descrição exata de como funciona *Wall Street*, de como se construiu tudo que está em andamento pelo mundo.

Sabe o que é ego? É quando você manda um avião buscar, em qualquer parte do mundo, patinhas de caranguejo a US\$400, para comer em qualquer lugar do planeta onde você estiver. Isso é ego. Ego – mandar buscar patinhas de caranguejo a US\$400. Quem paga? Quem está pagando o avião e as patinhas? Quem está pagando?

Plateia: Nós.

Prof. Hélio: Exato. Nós, vocês aqui nesta sala, mais sete bilhões de pessoas pelo planeta. Porém, quantas pessoas sabem que existe patinha de caranguejo a US\$400, e que se manda buscar isso de avião, de jato fretado? É isso; isso se chama zona de conforto. Porque, se vocês levassem a sério ganhar dinheiro, o que estariam estudando? Como ganhar dinheiro, certo? Então, deveriam ter lido esse livro de qualquer forma, porque esse livro é fundamental para entender *Wall Street*, e quem quer ganhar dinheiro, deve se envolver em como funciona o sistema.

Plateia: Professor daria para o senhor repetir o nome do livro?

Prof. Hélio: “O Sequestro da América” e “Trabalho Interno”.

Agora, vejam. Por que meia dúzia de pessoas lerá o livro, e disso também não sai nada? Por quê? Porque, quem é que estará lendo, o livro? O ego. E o ego acredita no mapa: “Se eu trabalhar bastante, se estudar bastante, se fizer tudo isso aqui, também, vou ter patinha de caranguejo a US\$400. Se isso não for possível, pelo menos um apartamento, se não for no centro, lá na periferia.”

Eu só estou dando exemplos de dinheiro, mas essa ideia pode se estender para qualquer área, qualquer coisa. Quer saber como é do “outro lado”? É simples: viagem astral; pronto, está disponível para todos. Todas as pessoas têm capacidade, todas. Lembram-se? Dentro de cada ser existem dois centros: um ego e o *Self*. O ego não tem capacidade para nada, mas o *Self* é Tudo. O *Self* é o Todo. O *Self* é o criador. Não existe dificuldade alguma para o *Self*. Você quer sair do corpo e dar uma olhadinha do “outro lado” para ver como é a realidade, como é o território? É só fazer isto. Em terminologia científica, chama-se “visão remota”, pronto; para não falar “o nome do boi”, os físicos chamaram de: “visão remota”. Então, qual é o problema de se descobrir como é a realidade? Saia do corpo e vá para uma das colônias que existem no astral, cento e cinquenta quilômetros acima da crosta da Terra; é só você pensar, chega lá rapidinho, não se preocupe. Vá a uma dessas colônias e veja como é que o sistema funciona, o real. Sugiro que vá a essas colônias porque lá só existe o *povo do bem*. Agora, se você quiser ver como é o *outro lado* da moeda, não há problema; é *free*, existe o livre-arbítrio. Não recomendo fazer isso sem proteção, mas você pode ir lá para baixo e dar uma olhadinha. Tome alguns cuidados, porque senão você não volta nunca mais. Já falei: se você for passear ali na Avenida Industrial (área de prostituição), às três da manhã, olhando as estrelinhas, como turista, já sabe o que acontece, certo?

Se você entrar na *internet*, hoje, verá: “Turista alemão foi ao morro. Foi baleado, está em estado grave.” Entendeu? Quantas vezes isso terá que acontecer para que se tome alguma medida? Uma medida assim: é só avisar aos turistas para que tomem as devidas precauções, isto é, não venham aqui. Pronto, acabei de afetar os interesses dos hotéis, das boates, de toda a parafernália que há em volta dos turistas. Estão vendo como é? É simples: qual é o território no Rio de Janeiro, em São Paulo, em qualquer lugar? Lembram-se daquele esportista, velejador, se não me engano, que viajou pelo mundo inteiro sem problema nenhum? Ele entrou pelo Amazonas, foi morto. Botou o pé no Brasil, foi morto. Essa é a realidade brasileira. Porém, vocês acham que alguém chegará lá na Europa e falará: “Olhe, a situação é essa. É melhor ninguém ir lá enquanto aquilo não for resolvido”? “Não; que é isso? Deixe os turistas virem. É uma maravilha. Nós...”

Prof. Hélio: Isso (*respondendo a um comentário da plateia*), isso aí, entenderam? Deixe virem. Aí, um é morto, outro, outro, outro é estuprado, e assim vai. Por quê? Porque os negócios das agências de turismo na Europa serão afetados, e no mundo inteiro, se for falado à verdade. Deixarão de ganhar o dinheirinho do povo que vem para cá, e os negócios daqui também deixarão de dar lucro. Então, deixe os outros se danarem, morrerem, serem estuprados etc., porque está dando dinheiro. É ruim para os negócios saber como é o território. Isso é um mísero exemplo de como a coisa funciona. E este é o problema. Se, aqui nesta sala, houver, ou

houvesse, algum dono de agência de turismo, já estaria “de cabelo em pé” com o que foi dito aqui, certo? Por quê? Porque afetará os negócios. Mas, negócios de quem, de quem? Do ego. Este é o problema. A pessoa só raciocina com ego. O ego toma conta da pessoa. Ela ignora, completamente, que existe outro centro, lá, que é o “dono” do lugar. Este corpo (*exemplifica com espectador*), aqui, não pertence a ele, não pertence a ele. No momento, ele está usando essa quantidade gigantesca de átomos para ter este envoltório aqui, mas ele não é o dono disso. Mas, se achar que é o dono: Nossa! Vai fazer e desfazer com essa roupagem que ele está exibindo hoje, fazer um monte de besteiras. Aí, seu ego arcará com as consequências. No momento em que ele ignora o dono que realmente está dentro de si, arcará com as consequências, porque atrairá o que se chama “antimatéria”, miasmas, por todo seu corpo. Então, sairá muito caro contrariar o dono do aparelho que ele está usando no momento.

O que estou descrevendo é o que se chama: “Iluminação”. Então, quando alguém ficou iluminado – na Índia falam bastante disso: “ficou iluminado” – o que é ficar iluminado? É simplesmente a pessoa reconhecer que Deus está dentro dela, ponto. Só isso. É só isso, só isso. Porém, a partir desse momento, tudo muda. Jung falava que, quando o ego vislumbra a “iluminação”, sente um perigo mortal para si mesmo, o ego. O ego tem pavor de descobrir que há outro ser habitando aquele corpo junto com ele. As pessoas pensam assim: “Eu sou o dono da minha vida. Sou o dono do meu corpo. Faço o que bem entender na minha vida”. Então, perceber, entender e sentir que não manda coisa nenhuma na própria vida, que não decide nada, que é um zero à esquerda, literalmente, imagine! Imagine, paro ego da pessoa, aceitar algo assim!

Quando vocês veem a porta de uma faculdade e, lá embaixo, *n* bares naquela rua, lotados, quem vocês acham que está bebendo? É o ego ou é Deus?

Plateia: Ego.

Prof. Hélio: Certo? Não há nenhuma dúvida: O Deus estaria estudando, para evoluir, para aprender e ter conhecimento. Quem está lá, “tomando todas”, em vez de estar na sala de aula? É lógico, é evidente. Então, quando as pessoas falam: “Ai, mas não sei o que é o ego”, o ego é esta escolha consciente que a pessoa faz entre “Vou estudar” ou “Vou beber”? É isso, é simples. A pessoa tem um centro chamando-a para estudar, e outro chamando para beber. Quem ganha? Normalmente, o ego ganha.

Plateia: Professor, o ego seria o obsessor do *Self*?

Prof. Hélio: Não, não é bem o caso. Não, o obsessor é aquele indivíduo que tem interesse em prejudicar alguém por alguma razão específica, seja ilusória ou não, não importa. Então, ele persegue alguém.

Plateia: Essa parte que o professor explicou de antimatéria. Isso interfere no *Self*?

Prof. Hélio: Não. O *Self*, com S maiúsculo, não tem nenhum problema. Ele está lá, intacto, esperando que a pessoa cresça, isto é, que faça uma ligação, mínima que seja, entre o ego e o *Self*. Pois é; mas esse “mínimo que seja” é o X da questão. Porque, a partir do momento em que a pessoa descobriu isso, sentiu isso, não tem volta atrás, não tem retorno. Toda problemática humana, está debaixo dessa questão.

Plateia: Por que há necessidade do ser de inflacionar, e dessa inflação, para criação do ego, para ele se individualizar? Antes, quando nasce, ainda faz parte do Todo?

Prof. Hélio: Sempre, faz parte do Todo. Vamos esclarecer uma coisa: o Todo não está em tudo; o Todo não está em tudo. O Todo é tudo. Tudo o que existe é Ele. Não existe nada fora; tudo, tudo o que existe. Apenas, há níveis de organização de energia, para que possa haver uma individuação.

Plateia: Quer dizer, o ego está dentro de tudo, faz parte de tudo, só que ele tem um nível menor que o *Self*, é isso? E Ele faz parte?

Prof. Hélio: Ele é um pedaço do *Self* individualizado. É um indivíduo.

Plateia: Então, o ego é um pedaço do *Self*?

Prof. Hélio: Isso.

Plateia: Não são dois?

Prof. Hélio: Quando não estão unidos, são infinitos. Cada ser criado tem uma Centelha Divina, que é um pedaço, digamos, do Todo. Fala-se que existe a “tal” da “dualidade” – quente/frio, bom/mau, certo/errado, e assim por diante, e que o Todo tem dualidade, que o Todo é dual, e, com isso, justificam todas as guerras, torturas, chacinas, em nome Dele. E, nas histórias, está escrito que Ele é “ciumento e vingativo”, está escrito. Esse é um deles, mas há outros mais ciumentos, mais vingativos e mais violentos ainda. Estes, não são o Todo. Esta “ficha”, se “caísse”, acabaria com todas as guerras “religiosas”. Agora, cada partidário acha que aquele é o Todo. Por isso que “o nome do boi” é extremamente importante, para poder diferenciar um “boi” do outro.

As pessoas confundem carga magnética com ações e pensamentos. Então, prestem atenção: cargas magnéticas não são ações e pensamentos.

O Todo, quando vai se manifestando, se auto-organizando, passa a ter um campo eletromagnético. Lembrem-se? Lá embaixo não existe nada disso; aí, emerge – é forma de falar – uma vibração menor, que pode ser uma supercorda ou um *quark* – é irrelevante, isso – três *quarks* viram um próton, mais nêutron, mais elétron, vira átomo, que vira molécula, que vira célula, que chega a ele (*espectador*). Mas, lá embaixo, não há nada; só o Oceano Primordial de Energia Infinita – o Vácuo Quântico, Deus, o Todo. Ele não tem dualidade alguma. Se tivesse alguma dualidade, seria visível e invisível – você vê coisas e não vê coisas; isso é dual. O Todo não tem nenhuma dualidade. Quem criou a carga, quem polariza a carga negativa e distorce tudo? Lembrem-se de que o Todo não é uma carga negativa.

Existe um campo eletromagnético, carga positiva / carga negativa, próton, nêutron, elétron – isso é uma organização, não é o Todo. Não há problema nenhum, até aí. O Todo tem: próton, nêutron, elétron, está tudo certo. Vocês já ouviram falar que algum próton fez guerra religiosa? Que algum próton matou outro próton? Os elétrons saíram matando, se agruparam e...? Nunca. Nunca. Eles só trocam energia. Vibram, trocam energia, se transformam em outra coisa, trocam energia, mudam de vibração. O próton troca onze vezes de vibração, transforma-se onze vezes em “coisas” diferentes e volta a ser próton, o tempo inteiro; freneticamente, ele faz isso. Mas isso é o Todo se auto-organizando. Não há nenhum problema com o próton, nêutron e elétron.

Muito bem, porém, aí, existe – subindo mais um pouquinho – existe o ego, um ser, assim. Esse ser é que polariza negativamente. O ser que tem ego é que põe carga negativa nas questões. Ele é um cocriador; então, cria carga negativa onde pensar, negativamente, é lógico. Todas essas atrocidades que vocês veem pelo mundo afora, não são do Todo. O Todo não tem nada a ver com isso. Nada a ver com isso. Sabem o que falam sobre: “Os Mistérios insondáveis de Deus”? Essas ideias são criadas para manter o território fora do conhecimento do povo. “Ah, é um mistério”. Então não dá para saber, porque mistério é mistério. Assim, “Desisto, vou levar minha vidinha e deixa para lá. É mistério”, pronto, e caio na zona de conforto.

Plateia: “O caminho do meio” é a zona de conforto?

Prof. Hélio: Não. Justamente, “O caminho do meio” foi feito para que as pessoas pudessem chegar ao Todo. Lembra que foi Buda que falou isso? Buda tinha o Todo inteiro – forma de falar – dentro dele; ele estava totalmente individuado.

Plateia: Quando o ego está no controle, está no “Caminho do meio”?

Prof. Hélio: Claro que não; ele está radicalizando tudo. “O caminho do meio” foi criado para que as pessoas pudessem migrar, gradativamente, do ego, e irem chegando até um pouco do si mesmo, do *Self*. Mas, na prática, o que acontece com isso? Fica parecendo que “O caminho do meio” é a zona de conforto. Não é isso. Lembram-se? Buda levou a coisa a sério, sem parar, dia e noite. Buda deixou um palácio, com todas as riquezas, para virar um mendigo, para tentar achar a iluminação, qual era a verdade. Ele tinha sido criado sem ver morte, doença, nada disso. Um dia, passando na rua, ele viu gente morta, viu mortos, viu doentes, aí descobriu que isso existe. “Preciso saber como é que funciona isso.” Então, o que ele fez? Largou tudo e foi até o fundo do problema, e só quando chegou ao fundo é que teve a iluminação. A iluminação é uma coisa que ocorre “assim” (*num estalar de dedos*)? É, “assim”, instantâneo, instantâneo. Mas é o seguinte: depois de uma longa preparação, mas muito longa preparação. Isso não é falado, certo?

A pessoa pode se iluminar, mas, mas quanto deve ir “descascando” o ego e soltando, soltando, soltando, soltando todos os interesses particulares, para poder chegar à iluminação? O que Jung disse sobre isso? Para você se juntar, ou fundir-se, com “si mesmo”, custará tudo, t-u-d-o. Algumas pessoas, depois que assistir a esta palestra, vão dizer assim: “Ninguém vai querer isso”. Por isso que é difícil. Por isso que, há seis mil anos estamos desse jeito; é lógico.

Plateia: Professor, voltando à questão do ego. O ego, a manifestação do ego, do certo e errado, aquilo que a gente entende como certo ou errado, bem ou mal, também não é uma manifestação do Todo?

Prof. Hélio: Não.

Plateia: ... e através disso o Todo se diferenciando, também?

Prof. Hélio: Não. Já sei que vai dar o que falar, pelo mundo afora, dos que ficarem sabendo desse DVD. Vai dar o que falar.

Plateia: Porque, em princípio, eu sou o Todo, com o ego; com o *Self* e com o ego...

Prof. Hélio: É em princípio. Em princípio, uma formiga é o Todo, um crocodilo é o Todo, um hipopótamo é o Todo, um vírus é o Todo, uma ameba é o Todo, um próton é o Todo, um *quark* é o Todo. Porque o Todo é tudo o que existe. Não existe nada fora Dele. Porém, qualquer sentimento que não seja igual ao do Todo, é ego. Qualquer sentimento que não seja igual ao que Ele sente, é ego. Tanto que está escrito no livro: “Os meus pensamentos não são os seus pensamentos”. Quando o livro foi canalizado, foi dito isso: “Os meus pensamentos não são os seus pensamentos”. O Todo pensa, completamente, diferente da maioria absoluta da humanidade. Porque, o dia em que a humanidade sentir igual ao Todo, isto aqui será o que se chama o “Paraíso Celestial”, porque só existirão budas; pronto. E como um planeta de budas é organizado?

É por isso que não se quer Mecânica Quântica de jeito nenhum, entenderam? Vocês acham que haveria um sistema econômico, se Buda estivesse no poder em cada empresa, em cada governo, em cada... Se os funcionários fossem Buda, o diretor-financeiro, o presidente, todos, todos, todos; existiria essa economia de *Wall Street*? Pois é, é lógico. E é por isso que quando se fala em “Mecânica Quântica”, o dono do boteco, ali, treme, porque não quer saber disto. Por quê? Porque está muito longe de ser Buda, mas muito longe mesmo de ser Buda; ele não quer nem saber o que é isso. E, se lhe contar, ele dá risada. É, vai falar que quem está dizendo isso é louco. É.

Então, por esse exemplo, dá para vocês terem uma ideia do quão longe isso aqui está e porque que todo o problema se resume na “casa, carro, apartamento”.

Plateia: Então, o senhor disse que o problema se resume nisso: que nós deveríamos nos aprofundar nisso, se é isso o que a gente quer. Mas, aí, seria totalmente diferente do que Buda fez.

Prof. Hélio: Não foi isso o que eu disse. O ideal seria simples: cada ser humano optar por Deus; ponto, simples. Sim, optar por Ele. Só que optar por Ele é cair do cavalo na estrada de Damasco, e ficar três anos tentando se recuperar na Arábia Saudita, porque ficou cego. Porém, esse era um sujeito que levava a sério; caçava e matava todo mundo que não era da sua facção; esse levava a sério. Tanto é que organizou toda a religião ocidental. Entenderam o tamanho da força de vontade, da obsessão, da teimosia, da obsessão de realizar? “O certo é isso”, ele faz. “Não, não; o certo não é mais isso. Agora é isso”; então agora é isso que ele faz, entenderam? Mas a ferro e fogo, qualquer coisa. Botou uma ideia na mente, ele fazia a ferro e fogo; aí, caiu do cavalo. “Epa! Não era bem assim; então, agora como é? Então, agora eu faço...”, a ferro e fogo, também, e criou toda essa instituição que está aí há dois mil anos. Uma pessoa com capacidade de organização, de oratória, de sair e enfrentar, e decidir: “Vou ao centro do império, vou a Roma e vou fazer lá”; um sujeito!

Então, o certo seria: opto agora isso. É a prioridade absoluta na minha vida, o resto é totalmente secundário. O preço é tudo. Não vou amenizar as palavras desta palestra, hoje. Já faz sete anos que venho aqui. O preço é tudo. Quando traduziram as cartas que ele escreveu, já deram uma amenizada, deixaram: “politicamente correto”. O que ele escreveu de próprio punho? Escreveu assim: “Eu sou o escravo de Cristo”, ponto. Foi traduzido: “Eu sou servo”; servo. Já distorceram. Servo, servo a gente acha que é uma empregada doméstica de 2013; um operário de fábrica é servo. Ninguém vai usar essa terminologia: “politicamente incorreta”. Mas é uma coisa bem amena, não é? A empregada doméstica é um servo. Agora, para vocês terem uma ideia do contexto do que ele quis dizer quando escreveu isso, precisam voltar dois mil anos atrás; voltem lá, que é preciso pôr isso no contexto daquela época, para entender o tamanho do significado dessa frase.

E, para entender isso, existe— ainda bem, 2013, Hollywood – existe um seriado, que já terminou, mas tem dois DVDs, logo sai à próxima temporada, que também já acabou de passar, – está à venda nas livrarias – “*Spartacus*”. Quem, aqui, assistiu a essa série? Estão vendo? Mais gente assiste a “*Spartacus*” do que lê: “O Sequestro da América”. Mas quem assistiu, sabe que é horripilante. Quem tiver nervos fracos, muita sensibilidade à flor da pele, recomendo que não assista; não assista porque não vai aguentar. Por quê? Porque nessa série os diretores, os autores, o produtor, resolveram pôr nua e cruamente o que era Roma, sem “dourar a pílula”, nua e cruamente o que era aquilo. Ali são todos escravos. Se você quer entender a dinâmica, o meio, como viviam e como eram tratados etc., etc., etc., assistam a essa série, que vocês verão o que era ser um escravo na mão dos poderosos. Quem tiver nervos, assista inteiro – são três temporadas. Isso é o que Paulo escreveu; é nesse contexto. Ele viveu naquela época, via, estava lá. Ele não ouviu falar, não; ele vivenciou isso no Império Romano, porque era cidadão de Roma. Então, sabia o que significava falar: “Eu sou escravo”, o significado dessa palavra.

Plateia: Paulo dizia: “Aquilo que eu quero, não faço. Mas aquilo que eu não quero, isto eu faço.”

Prof. Hélio: Exatamente. E esse é o problema do ego. Esse é o problema do ego. Entre fazer o que se deve fazer, e fazer o que se quer fazer, entendeu? Entre o que o ego quer e o que se deve fazer. O problema, em última instância, é simples. Porém, se a pessoa não acredita em nada disso – foi o que comecei explicando, lá atrás – se a pessoa não acredita em nada do que é explicado aqui, e quer descobrir como é o território, não vai seguir mapa nenhum aí fora. “Vou descobrir, por mim mesmo, o território”, qualquer caminho serve. Mas você precisa ir fundo, porque lá no fundo vai bater “de cara” com o Vácuo Quântico. Porque você irá, simplesmente, se

estraçalhar; ponto. Simples. É simples. Você começa a ganhar dinheiro; ganha, ganha, ganha; chega ao nível Bill Gates; ótimo, vai para frente, para frente, você não vai entrar na zona de conforto - só porque você tem US\$50 bilhões, vai cair na zona de conforto? Você quer descobrir o território, quer descobrir a verdade? Não é ganhar dinheiro; dinheiro é uma das formas de chegar lá. Então, depois, depois de virar Bill Gates, você vai continuar, vai querer mais dinheiro, mais poder, mais, mais, mais. Tente... Tente fazer um negócio nesta cidade. Tente abrir um negócio e crescer, para você ver que, rapidinho, você vai “bater de frente” com quem já está instalado. “Cai a ficha”? É quem não experimentou fazer isso ainda? Tem a ilusão “Vou abrir um negócio”. “Ih, não vem cliente. Estou falindo. Vou fazer mais empréstimo, porque no próximo mês vem cliente”. Então, toma mais crédito. Ainda não “caiu a ficha” que crédito é dívida, e quando “caiu essa ficha” é tarde, acabou, está falido, virou escravo no Serasa, *forever, forever?*

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: É. Tem que sentir na pele. E quando sente isso na pele, fala: “Epa! epa!” Mas agora é tarde. Lembram-se, lembram-se daquela cliente minha que me pediu para vir aqui e falar para vocês que crédito é dívida? Que eu não tinha falado isso e ela fez um monte de “crédito” e está até agora sem sair do problema? Ela falou: “Você precisa falar para eles: crédito é dívida”, porque ela não sabia.

Prof. Hélio: Pois é (respondendo a uma observação da plateia). É de rir, não é? É de rir. A primeira vez que eu contei isso aqui, todo mundo riu, porque parece absurdo. Como uma pessoa não entende que crédito é dívida? De nível superior. Não estamos falando de um servente de pedreiro, é uma pessoa de nível superior.

Amanhã, se vocês tiverem oportunidade, façam um *tour* em qualquer agência de banco, sentem-se lá, fiquem sentadinhos, falem: “Não, não quero ser atendido; só estou aqui esperando um pouco”. E fiquem olhando todo mundo que senta na frente dos gerentes, tomando “crédito”; fiquem lá, deem uma olhada. Verão pessoas sem parar, sem parar; são vinte, trinta, cinquenta, cem, quinhentos. “Crédito”, e toma mais dinheiro para comprar o terceiro carro, o quarto carro, o outro apartamento, e assim vai. E está tudo “beleza”. Nem passa pela cabeça da pessoa que tem que pagar aquilo. E já está pendurada num cartão, em dois, em três, em quatro, em cinco, e continua tomando crédito. Como é o mapa dessa pessoa? Ela entende o que está fazendo? De forma nenhuma. Só entenderá no dia em que falir; não terá crédito; não terá mais giro, mais nada; aí vão tomar tudo dela, virá escrava.

Por esse caminho, por exemplo, rapidamente você descobre o território, fácil. Porque o sistema está montado para que só meia dúzia tenha. Se você abrir, qualquer negócio, e tentar empreender e crescer, encostará nisso, rapidamente. E então? Bem, quando se chega nessa situação, e a pessoa quer muito ganhar dinheiro, o que faz? Vai procurar um “jeitinho”; ainda mais no Brasil. Então, ela pergunta para os amigos, pesquisa: “Onde há um feiticeiro que faz com que eu ganhe dinheiro?” “Tem um sujeito que consegue, lá não sei onde”, e a pessoa vai lá. E encontra um cartaz assim: “Fazemos qualquer negócio. Amarração. 110% garantido.” Quer dizer... Eu vi esse cartaz: “110% garantido”. Gente, vejam como é fácil enganar as pessoas que não sabem como é o território; a pessoa acredita em qualquer mapa. Como que o feiticeiro pode dar 110% de garantia?

Plateia: O sujeito, daquele local, fez uma promoção: R\$19,00 a “amarração”.

Plateia: (Risos)

Plateia: Baratinho.

Prof. Hélio: Se...

Plateia: Por tempo indeterminado, não é?

Prof. Hélio: É. Ele está debaixo - para fazer magia negra - ele está debaixo de instâncias superiores. Tem livre-arbítrio, mas o livre-arbítrio vai “daqui” até “aqui” (*indica dois pontos, não muito distantes*). Tem livre-arbítrio – o ego adora essa afirmação, porque tem pavor de que não exista livre-arbítrio. Quando se diz: “Tem livre-arbítrio”, pronto; ele decide: “Desliga o DVD, só queria ouvir essa frase.” “Na página 28” – os *e-mails* que recebo são assim - “Na página 28 do *e-book* ‘tal’, você fala: ‘tal’ coisa”, tirando totalmente um trecho do contexto. “O Hélio disse ‘tal’ coisa”, entendeu? Você acha que vai entender o que Jung disse, lendo cinquenta páginas, cem, duzentas, trezentas? Não vai. Não vai. São trinta e cinco volumes. Sem isso, não pode dizer: “Eu vi tudo.” No meu caso, é a mesma coisa: são cinquenta e quatro DVDs, hoje. Assistiu a todos? Se não assistiu, então não sabe exatamente o que o Hélio fala, o que está propondo, em que ele acredita. Se não assistir a todos, se não ler os quatrocentos e tantos, as postagens do *blog*, etc., e os livros, não sabe, não sabe; extrai do contexto uma coisa qualquer e não vai entender.

A pessoa foi ao feiticeiro “um”; pagou, não deu nada, desiste desse feiticeiro. Há algum outro? Há “assim” (*uma grande quantidade*), vai a outro feiticeiro, “Não, deixa que aqui...”; também, não deu nada. E vai, e vai. Tudo o que for “jeitinho” possível, tentará fazer. Depois que for a todos os feiticeiros do planeta Terra, a pessoa terá que chegar a uma conclusão: “Não existe ‘jeitinho’”. Então, tenho que aprender como funciona este território.” Porque essa pessoa já fez de tudo e não conseguiu. Já foi em tudo e não conseguiu. Assim, só resta um caminho: ela tem que aprender, tem que estudar; tem que aprender Mecânica Quântica. Mas é o seguinte: Mecânica Quântica não é mais um feitiço, mais um “jeitinho”; Mecânica Quântica é como é a realidade, nua e crua, como é o território. Pronto. Entendido isso, conseguir as coisas passa a ser banal. Mas se for a fundo, na Mecânica Quântica, o que você descobrirá? O Vácuo Quântico e o colapso da função de onda: você pensa e cria, pensa e cria, pensa e cria, o tempo inteiro. Então, todo o problema foi criado por você mesmo. E isso é um aprendizado ultra doloroso para o ego, é mortal. “Como criei toda essa desgraça? E continuo...” Aí, ele pode desistir da Mecânica Quântica, ir atrás de outro feiticeiro, – surgem feiticeiros aos montes, não é? – ir procurar outra coisa. Pode ser que, no final dessa busca de feiticeiros, não consiga nada. Aí, muita gente mete uma bala na cabeça e descobre a verdade. Não estou recomendando que ninguém dê tiro na cabeça...

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: Alguém pode pensar: “O Hélio falou que para a gente chegar à verdade, temos que dar um tiro na cabeça”...

Plateia: A mensagem foi direta...

Prof. Hélio: Faz uma semana que está postada uma matéria sobre suicídio, para explicar algo que, anos atrás, eu falei aqui, e não entenderam. Vou explicar de novo: naquele mês, conhecidos das pessoas que vêm a essas palestras, três deles se suicidaram – três conhecidos de pessoas que vem a essas palestras, e que não sabiam nada sobre a Ressonância Harmônica, porque seus conhecidos não lhes falaram da Ressonância – e três deles, num mês só, se mataram. E eu tinha falado: “Ali estão três cadeiras vazias, em que deveriam estar pessoas que não se matariam, se soubessem que existe a Ressonância Harmônica; mas, como as pessoas não lhes falaram, os três se mataram.” Não foi gente da Ressonância que se suicidou; foram conhecidos que nem sabiam que existe a Ressonância Por quê? Porque o ego impede que a pessoa fale da Ressonância, mesmo sabendo que aquele amigo, conhecido, é um possível suicida. Mas, “E o meu ego... como é que eu vou ficar? Se eu falar da Ressonância, sou louco. O que falarão de mim?” Então, se omite: “Não tenho nada a ver com a Ressonância”, pronto, e deixa, e assim vai, um, dois, três, e vai indo. Imaginem quantos ocorreram, que eu nem sei? Porque sobre esses três me falaram, e os que eu nem sei, e que vocês também nem sabem, por enquanto. Por enquanto, porque, quando passarem para o “outro lado”, estará lá no livrinho “‘Fulano de tal’ se matou, você não passou para ele. Ele se matou. Agora, antes que ele se matasse, havia outro que, como não sabia, não passou para esse aqui. Esse aqui também se matou.” Viram o que é uma *network*?

Isso é uma rede. Se você fala, vira dois, quatro, oito, dezesseis, trinta e dois; mas, se você não fala, é uma rede ao contrário. E não fala por causa do ego.

Plateia: Hélio, uma vez você falou que tinha um alto índice de suicídio em São Paulo. Você pode explicar isso?

Prof. Hélio: Se não me engano, uns quarenta mil.

Plateia: Que era o maior do Brasil, ou do mundo, foi isso?

Prof. Hélio: É um dos maiores do mundo, se não me engano.

Prof. Hélio: Não (*respondendo à plateia*), geral, geral na população. Se não me engano, quarenta mil por ano.

Plateia: Aconteceu recentemente, uma pessoa começando a já perder, o equilíbrio e eu tentei, várias vezes, falar com ela. E foi impossível. Haveria outro mecanismo? Ou eu usei, sei lá, errado, a forma de chegar? Acho que a pessoa está com um quadro muito delicado.

Prof. Hélio: Não, essa pessoa fez uma escolha. Se você tentou falar, e ela reagiu: “Não quero saber”...

Plateia: Vai ver ela nem ouviu, nem tentou ouvir, não é?

Plateia: O bloqueio é total.

Prof. Hélio: Pois é. Mas esse bloqueio total é o ego total. Porque para a pessoa chegar ao suicídio, é uma recusa total da vida que Deus lhe deu. Como você pode pegasse esta vida e jogar na cara Dele: “Não quero!” É uma coisa gravíssima, imagine cometer uma agressão contra o Todo. O Todo é tudo; qualquer coisa, deste grau, feito contra Ele, é de uma gravidade absurda, total. O que acontece com uma pessoa que faz isso? Ela tinha a vida, recusou; então, agora ela vai para a “não-vida”, não-vida - vida, não-vida. Existe um lugar – é evidente que tudo no Universo tem lugar, tem endereço. Estamos dentro de um Ser infinito; então, tem que ter... As criaturas criaram o lugar, pondo nele carga magnética negativa. Não foi Deus que criou o que se chama “Vale dos Suicidas”; foram os próprios humanos que criaram aquilo lá, pondo carga negativa no local, com o próprio suicídio. O Todo só tem um único sentimento, caso contrário, todo mundo, acredito, enlouqueceria. Se o Todo não é 100% amor, como falam por aí, a “tal” da dualidade – Ele é bom e mau – imaginem um Ser que cria tudo “do nada”, quer dizer, Dele – bastando desejar, tem poder absoluto. Imagine se esse Ser tivesse uma nanopartícula que não fosse Amor. A mais ínfima partícula Dele é Toda poderosa – a mínima fração de energia Dele é o Todo; não perdeu poder nenhum porque é uma mínima fraçãozinha, o Todo está ali; todo o poder do Todo está ali. Entretanto, imaginem que uma mínima fração tivesse, pudesse sentir raiva, ódio, ressentimento, vingança, ciúme, etc. Imaginem em que situação nós estaríamos? Você está dentro de um Ser que é capaz de ter raiva; pode ser que Ele fique de mau-humor e você não terá a menor escapatória, porque está dentro Dele, e não existe nada fora Dele, não existe o “fora” Dele, porque Ele é tudo o que existe. Então, imagine, você enlouquece. Só por lógica, se chega a essa conclusão; qualquer um enlouqueceria se tivesse um mapa desses. Não, mas por incrível que pareça, enormes quantidades de humanos acreditam que existe uma situação “meio-a-meio”. “Ele é bom, mas, de vez em quando, Ele pode...” A racionalização leva a pensar que: “Ele faz isso com os outros, com a gente não. Faremos muitos sacrifícios para aplacar a ira dele, e aí Ele atacará, exterminará os outros, e ninguém dos nossos.” Não é esse o mapa que anda pelo mundo? É.

Plateia: Um Grande Mestre tem um poder muito grande, o ego muito grande. Como a gente diferencia quando esse ego não está atuando e esse ego do Grande Mestre está atuando da forma correta?

Prof. Hélio: É a mesma coisa. Isso também foi tirado da página 18, parágrafo...

Prof. Hélio: É preciso conceituar o que é “Grande Mestre”. Se o Grande Mestre é Buda, ele não tem ego nenhum. Se a pessoa está agindo em prol dos próprios interesses, isso é ego, não é Buda. Você pode medir o “grande” pela quantidade de serviço que ele presta à humanidade. Se abdicar de todos os interesses particulares e só serve, serve, serve – lembra-se? Escravo – serve, serve, serve, esse é Mestre, esse se iluminou; mas, se está usando qualquer coisa para fins particulares, aí não é Buda.

Voltando. Se não escolhermos o caminho da individuação... É claro que esse caminho é, praticamente, infinito; mas a partir do momento em que a pessoa deu o primeiro passo, mudou absolutamente tudo, porque não enxergava e agora enxerga - “Não enxergo / Enxergo” – ela sofreu uma mudança total e absoluta de qualidade.

Quando a pessoa vem à Ressonância, tem uma oportunidade incrível de iniciar a individuação rápida e aceleradamente. O que acontece na prática? O inverso disto. Com dois, três meses, desistência. Porque, com um mês, “as coisas andaram”, o prefeito pagou o precatório, ou recebeu uma dívida, comprou um *BMW* em um dia de Ressonância, passou no concurso, ganhou na Justiça, etc. Nesse caso está “beleza”. Um mês, em termos de eternidade, é nada; então, a Luz Divina roçou pelo ser, aquilo é uma injeção de energia brutal, que faz a pessoa dar saltos quânticos, imediatamente. Quando a pessoa pega o CD, no primeiro mês, coloca no aparelho aperta o *play*, e *n* coisas “andam”, melhoram etc., etc., quem faz aquilo é o Todo. A pessoa pensa que, no segundo mês, isso aumentará. “Vou ganhar mais precatório, mais *BMW*, mais dinheiro, mais clientes”, etc. Na maioria dos casos, não é isso o que acontece. Algumas pessoas deixam crescer um mês, dois, três, quatro, cinco; conta-se nos dedos. Acontece que, no segundo mês... No primeiro mês a pessoa cavou um pouquinho, só tirou uma poeira; com essa poeirinha, indicando que o Todo veio e passou “assim”, já deu para o sujeito ganhar um *BMW* em um dia de Ressonância. Já comentei sobre ele aqui, antes. Pode-se pensar que, se esse rapaz conseguiu um *BMW* em um dia, ninguém segura. Mas, três meses depois, ele abandonou a Ressonância. Ele só queria ter um *BMW*; veio, conseguiu; quando percebeu que teria que crescer, continuar crescendo e continuar crescendo, falou: “Não, não, não, não.” Seu ego determinou: “Pare, pode parar, pare”. A questão é que a pessoa acha que conseguiu o *BMW* e vai ficar “assim” (*linear, estável*) para o resto da vida. Não é assim que o Universo funciona; é “assim” (*sobe e desce, num infinito*) – chama-se “Teoria do Caos” – o tempo inteiro. Por outro lado, Budas não têm nenhum problema com a Teoria do Caos. Budas crescem no caos. Se está subindo, ele está crescendo se está descendo, ele está crescendo. Para um Buda, isso é irrelevante. Mas é assim que funciona o Universo. Então, o *BMW*, mais cedo ou mais tarde, desaparecerá, porque vai descer. Esse é o problema de porque travam e alguns, no segundo mês, não veem entrar mais um cliente no seu boteco; não vendem, e assim por diante. Também não são muitos, mas depende do tamanho do ego que a pessoa está deixando atuar. Imagine, dentro da pessoa há um lugar, com átomos, que é o ego; passa uma onda Divina por esse ego e “bate” nele, “assim” (*demonstra um passar levemente pela pessoa*); e aí? Se deixasse essa onda penetrar, a pessoa entraria no caminho da iluminação na hora. No mês seguinte, seria mais profundo, mais profundo. Em pouquíssimos meses, a pessoa daria um “salto” gigantesco, porque já teria enxergado e sentido isso. Ela está no caminho da individuação, assim que a Ressonância a toca. Então, seria fácil, se a pessoa deixasse essa onda Divina entrar.

Pensem bem, na oportunidade que é oferecida às pessoas que têm acesso à Ressonância. O que Buda levou milhares e milhares de anos – porque aquilo foi uma encarnação. Foi naquela encarnação que aconteceu, mas antes houve um longo processo de preparação, porque foi preciso “descascar”. Para uma sucuri de dez metros soltar a pele, é difícil. Um crocodilo soltar o

patinho que está em sua boca, é difícil. Então, leva tempo. Mas, imaginem a pessoa quando vem, depois de um mês, e fala assim: “Não aconteceu nada”. Milênios criando o problema e quer que em um mês se faça “assim” (*estale os dedos*) e tudo estará resolvido. Poderia estar tudo resolvido, se a pessoa deixasse a onda Divina entrar. Deixasse entrar. Assim, o que o outro levou milhares de anos, essa pessoa poderia fazer, nesta encarnação, nesta, nesta, poderia dar esse “salto”, poderia ter essa iluminação, se deixasse a onda entrar. Uma oportunidade igual a essa, acho que jamais se repetirá. Essa oportunidade é única no espaço-tempo, principalmente neste planeta. É algo que aparece, dura e acaba, e não há outro jeito de ser diferente disso. E deve ser pequeno; aparece pequeno, permanece pequeno e termina. Se o trabalho de Jung acabaria por causa de “Os Sete Sermões aos Mortos”, algumas páginas imaginem a Ressonância. É que, como a “ficha não cai”, então...

Plateia: É que a gente, às vezes, escuta você falar que tem que deixar a onda entrar, não se opor a ela e “soltar”. Faz um ano que eu faço Ressonância. Fui aprender isso de uns dois meses para cá, e eu queria passar isso para quem não entendeu. Que esse “não segurar” é se entregar à catarse, é deixá-la acontecer. Se você tiver que chorar, chora; se tiver que sofrer, se tiver que parar de trabalhar, para; você vai passar por momentos difíceis, mas o sucesso que vem depois vale a pena. É isso o que eu queria falar.

Prof. Hélio: Há uma palavra que define o que ela falou: rendição. Rendição, o ego tem que se render ao Todo, não há alternativa. Não há.

Plateia: E a não-ação, inação?

Prof. Hélio: Não. A inação é a zona de conforto total. O ser que está individuado, o que faz? Trabalha dia e noite. Como não faria isso? Esse é um sinal. Se o Todo o assumiu, como o Todo não trabalhará sem cessar? Porque a essência Dele é essa – movimento, vibração. Ele fará, criará, manifestará, sem cessar. No entanto, a questão é: tudo o que se explica sobre o Todo, que é um paradigma aqui em cima, quando as pessoas estão num paradigma aqui de baixo (*demonstra com as mãos dois níveis diferentes*), a maioria delas acha horrível. É como falam: “Ninguém quer o que você fala”. Não há *pizzaria*, não há boteco, não há...; quem vai querer um negócio desses? Então, é um “produto” difícil.

Plateia: Obrigatoriamente, todas as pessoas que fazem a Ressonância têm que passar por catarse?

Prof. Hélio: Têm, têm, obrigatoriamente. Por quê? No primeiro mês, a pessoa cava uma pequena camadinha; no segundo, vai mais fundo, mais fundo no terceiro, no quarto, no quinto; vai cavando. Cada nível que vai descendo, está descendo no ego, certo? O ego está aqui (*demonstra com as mãos espaçadas como um círculo*), e foi retirada uma película dele; no segundo mês, outra película; no terceiro mês, outra película, e assim vai. Chegará um momento pode levar seis meses, um ano, dois, cinco, dez anos. É claro que não há nenhum cliente, fazendo Ressonância há dez anos.

Plateia: Sete anos, há.

Prof. Hélio: É. Mas, ainda roçou. Dá para ter uma ideia do nível de transformação que eu estou falando, do nível de transformação na pessoa?

Plateia: Minha dúvida é sobre a transformação que acontece quanto aos problemas serem resolvidos. Para mim, os meus problemas foram resolvidos, porque eu já não me importo mais. Se uma pessoa entrar na minha casa e falar: “Vou levar tudo o que você tem”, eu não tenho nada, então...

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: Pois é. Só que isso não é a transformação.

Plateia: Eu não tenho apego.

Prof. Hélio: Eu sei. A perda do apego é a primeira camada. A primeira camada. Já é um avanço gigantesco quando a pessoa chega a esse ponto, certo? O ego parar de se agarrar nas coisas. Só que, em seguida, vem o fazer. Primeiro, a pessoa “solta” tudo, e aí começa a fazer. Por isso existe essa Mandala, aqui (“*Revolucionário Quântico*”). Quem usá-la, perceberá um impulso, porque ela vai “cutucar”, dia e noite, para fazer. Então, não querem fazer? Podem devolver as Mandalas que ganharam, podem deixar lá na mesinha, não há problema nenhum. Eu já estou avisando antes, certo? O uso desta Mandala implica em receber uma energia tremenda de fazer, fazer, fazer, fazer, sem parar, dia e noite. Não querem fazer nada? Devolvam as Mandalas; está avisado.

Vocês se lembram das outras Mandalas? Foi só “pôr no ar” a Mandala, começaram a surgir escândalos sexuais, pedofilia, estupro, tudo, pelo mundo todo. Existem situações que vocês não ficam sabendo, porque a mídia não deixa passar. Mas, coisas horripilantes estão vindo à tona e sendo resolvidas, e vocês não ficam sabendo. Porque é preciso manter o mapa. “Ai, o ser humano não pode ser tão cruel desse jeito!” Entenderam? Então, para manter o mapa, a “visão romântica” da vida, toda essa historinha, a verdade nua e crua não pode vir à tona, tem que ser “dourada”. Mas, muitos problemas estão sendo resolvidos, sem parar, devido às outras duas Mandalas. E esta está potencializando, mais ainda, o efeito das duas. Então, as três Mandalas estão trabalhando em conjunto. Bem, vocês sabem que Mandala – Jung falou extensamente disso – a Mandala é o Universo. A Mandala é um símbolo do Universo, do Todo. Então...

Plateia: E pode pôr na sala?

Prof. Hélio: Pode, onde quiser.

A questão de se falar de um paradigma para outro, é a resistência. A pessoa ainda não experimentou a mudança. Ela não experimentou, digamos as vantagens da mudança, a felicidade da mudança, a alegria etc., da iluminação. Ela raciocina aqui embaixo: “Isso custará tudo. Tenho que render e tenho que trabalhar.” Por isso que é um caminho... Quantos seguem um caminho desses, em cada geração? Poucos. Poucos.

O problema, o outro lado da moeda, é: “Não sigo a individuação. Ficarei no mapa.” Mas o problema é o seguinte: o mapa não é o território; você está dirigindo a sua vida e está criando o tempo todo. Você não deixou de ser um cocriador porque está usando o mapa errado. Então, se pensar negativamente, você cria o problema, o tempo inteiro. Com o passar do tempo, a criança inflou, rapidamente; deveria parar a inflação e começar o processo de individuação, de se ligar no Todo. Quando isso não acontece, ela continua inflando. Já viram o que é um ser de dezesseis anos com inflação? Já viram. Já tiveram ou têm filhos ou sobrinhos, etc. Pois é. Então, vocês estão vendo o que eles se tornam – chama-se “adolescência”. É o que vira um ego inflado. Essa inflação continua e ele passa pela adolescência inflando. Chega aos vinte e um anos mais inflado. Entra no mercado de trabalho inflado, aí vira aquela competição feroz, desenfreada, “vale tudo”, tudo. E continua inflando, porque a inflação não para, ele continua inflando. Quanto mais infla, mais distante fica do Todo. Lembram-se? O Todo está paradinho, dentro dele, e o ego inflando; como se fosse uma bolinha de gude – o Todo – e um balão de um quilômetro – o ego; é isso. A pessoa pode virar um grande ditador. Pode fazer uma Segunda Guerra Mundial. Oh, não existe limite para ego; é só questão de capacidade.

Vocês podem falar: “Como a pessoa conseguiu?” Imaginem: era praticamente um mendigo em Viena, porque, “mal e porcamente”, conseguia vender um quadro que pintava. Se você ver um mendigo na rua, ou vendendo, ali na estação do trem qualquer coisa, para comer, o que você dá por uma pessoa dessas? Você fala: “Isso aqui, esse ser, vai chegar aonde? Esse ser é capaz de

fazer uma Segunda Guerra Mundial?” Pois é, fez. Porque só depende do tamanho do ego que está dentro daquele ser. E, mesmo quando perde tudo – só um pouquinho de História – ele perdeu tudo, em 1925, e saiu da prisão, no zero, sem emprego, sem dinheiro, sem partido, o partido foi dissolvido, todo mundo sumiu, etc., etc., era zero, zero – saiu da penitenciária, abriu a porta, saiu para a rua e que tinha na vida? Nada, nada de nada de nada. E, oito anos depois, era o *chanceler* de um país ultra culto. Era cabo de Exército na Primeira Guerra Mundial. Então, isto é ego. Não há tamanho de ego para um ser desses. Se soltar, faz tudo de novo. Perceberam?

O ego é tão grande que, se for solto num planeta X qualquer, em que os macacos acabaram de descer das árvores, ele vai fazer uma chacina dos macacos. Todos os “Orangotangos. Matem todos. Nós somos chimpanzés, a raça pura; os orangotangos, matam; macacos, matam todos.” Isso, incorporado num macaco. Colocam esse ser dentro de um humano, como aconteceu neste planeta, para ver o que ele é capaz de fazer. Vocês viram. Por que isso é “permitido”? Para vocês verem, para sentirem. Porque, se as pessoas, naquela época, não vivenciassem isso, não iam acreditar, quando se falasse, quando ouvissem Jung falando que o arquétipo ia tomar a Europa inteira. Mas qual arquétipo? Jung falou isso anos e anos antes dos fatos acontecerem. Wotan – “Este arquétipo” - ele falou - “Este arquétipo dominou a Europa...”, a mente, os corações, “... e ele vai se manifestar, de qualquer maneira”, porque as pessoas deixaram. Esse é o probleminha de ignorar que o Todo existe. No Todo, existem arquétipos e arquétipos e arquétipos. Caso a pessoa não se una ao Todo, o arquétipo – *n* arquétipos – irão se manifestar. Então, o território é muito mais complicado do que parece, porque a pessoa pode estar vivenciando um arquétipo e nem tem a menor ideia de que aquilo está acontecendo.

Quando vocês cometem erros e erros e erros na vida, um atrás do outro – lembram-se de que falamos que “é um padrão”; fazem de novo, de novo, de novo, de novo, e nunca param de fazer bobagem – é um arquétipo que está sendo vivenciado, e só há um jeito de controlar isso: unindo-se ao Todo. Caso contrário, essa energia tem que se manifestar. Por isso o assunto “arquétipo” é um problema. É outra coisa sensível, em que não se pode mexer. Porque, além de haver um centro, dois centros, ainda existem os arquétipos que querem trabalhar. O que faz um arquétipo? Trabalha, se manifesta; é uma energia vibrando, sem parar. Tudo no Universo está vibrando, sem parar, querendo fazer, fazer, fazer, fazer, se realizar, incorporar informação, ganhar informação. Tudo, ao mesmo tempo, quer fazer.

Assim, num planeta igual a esse, se as pessoas se unissem ao Todo, todos os problemas materiais seriam resolvidos “brincando”. Como as pessoas resistem, os arquétipos se manifestarão de qualquer maneira; não é possível escapar disso. Vocês podem verificar que, ao longo do século XIX, XX, a coisa vem crescendo, quer dizer, os problemas vêm aumentando, aumentando, aumentando. É crescente, sem parar; é só vocês pararem para analisar um pouco, e verão que está sendo tomado um rumo complicado. Está por um “triz”, muito pequeno. Por quê? Porque existe uma dinâmica arquetípica em ação, que as religiões chamam “Apocalipse”. Apocalipse é uma dinâmica arquetípica; chegará a isso se essa energia não for resolvida, equacionada, liberada, etc. – uma catarse. Imaginem se cada ser humano, cada um, resolver passar pela catarse individualmente, – são bilhões – todo mundo passar por catarse, para se unir ao Todo. Não é para ganhar “casa, carro, apartamento”; é para se unir ao Todo. Pronto, está resolvido. Se todo mundo fizer catarse, o planeta resolve todas essas questões, sem ter morticínio, peste etc. Porém, se a maioria total da humanidade se recusar ter a catarse, isto é, recusar unir-se a Deus, a deixar Deus entrar em sua vida e comandar, o arquétipo terá que se manifestar coletivamente, é lógico, porque é uma somatória de pessoas. Se cada pessoa tem a catarse, ocorre uma limpeza. Agora, se as pessoas se recusam a ter a catarse, some sete bilhões de seres se recusando a ter catarse, haverá uma catarse global, global, coletiva, é evidente.

Por isso que ocorreu Primeira Guerra Mundial. Na época, falaram: “Não, nunca mais vai ocorrer algo assim.” Mas vinte anos depois, houve outra pior ainda. Agora uma nova guerra está sendo segura por um *trizinho*, por muito pouco. E já faz tempo que está segurando, porque, em 1963, teria sido só fazer “isso” (*estalar os dedos*).

Assistam ao filme que o Kevin Costner fez sobre 1963, para vocês verem que foi “assim”, por um *trizinho*. Porque essa é a dinâmica interna. Todo o ódio, raiva, ressentimento, medo, desespero, que a humanidade tem, coletivamente, como pode ser resolvido? Como? Somem o ódio dos sete bilhões; imaginem o tamanho da energia negativa que há numa concentração dessas. E isso tem que vir à tona, tem que ser resolvido; você não pode estocar energia, na panela de pressão, e tampar o pino, e achar que, eternamente, não acontecerá nada com a panela. Basta colocarmos uma pedrinha em cima do pino e tudo bem. O fogo está lá queimando, e “Não, não há problema, há uma pedrinha em cima do pino”. A panela vai para o espaço, e você vai junto. Então, 2013... Lembram-se da previsão para vinte e um de dezembro de 2012? Está em pleno andamento. Então, catarse não é para ter carro, casa, apartamento; esses bens são algo “a mais”. Você ganhou a mais porque está colaborando, pode ter os “brinquedinhos”, que não há problema nenhum. Isso não foi dito a dois mil anos atrás, de outra maneira? Foi dito: “Buscai primeiro o Reino dos Céus e tudo o mais vos será acrescentado”? “Tudo o mais”, não se apresenta com nenhuma cláusula, letrinhas pequenas lá embaixo, “com exceção de...”, não há nada disso. Porque, para o Todo, não há problema nenhum de mesquinhareria nem de mediocridade com casa, carro e *BMW* e fazenda; isso para Ele... Escutem: Ele tira “do nada”, Dele mesmo, todas as galáxias.

Que os humanos queiram “brincar”, é irrelevante. No entanto, o que é relevante é fazerem tudo o que fazem – essas guerras, esses morticínios, as chacinas, etc., etc., etc.; aí, não é possível. Precisa haver limite. O livre-arbítrio vai “daqui” até “aqui”; existe um limite (*demonstra com as mãos uma distância a qual se refere a pequeno intervalo*).

Voltando, só um pouquinho. Se vocês estudarem a história militar da Segunda Guerra Mundial, verão que houve dois eventos, duas decisões catastróficas, que levaram à derrota. Ninguém precisou mover um peão para a casa da rainha. Não precisou fazer isso, não. O ego, sozinho, se afunda, entenderam? Ele foi, foi, foi, foi, “pode dar linha, mas dar linha sobrando, pode ir”. Se mais gente quer ir junto, vai. Se todo mundo, se não sei quantos milhões, querem fazer guerra, oh, livre-arbítrio; é preciso respeitar a vontade desse povo todo. Aqueles milhões e milhões e milhões que imediatamente se alistavam, não queriam fazer guerra? Quer “brincar” de guerra, “brinque” de guerra, não há problema.

Quem não quis “brincar” de guerra, não “brincou”, não é verdade? Quem quis ir para o Vietnã, foi; quem não quis, atravessou a fronteira do Canadá. Muitas pessoas fizeram isso, pronto. Atravessou a fronteira, acabou: “Não vou para guerra nenhuma.” Se um número suficiente de pessoas tivesse feito isso, não teria havido guerra. Mas é preciso que isso aconteça dos dois lados. Porém, se todo mundo gosta de matança, o que fazer? É preciso deixar haver matança. As guerras ocorrem por isso, porque todos os lados envolvidos gostam de matar. Então, deixe que eles “brinquem” de matar. Mas quem não está envolvido nisso, não aceita.

Joel Goldsmith estava na trincheira, na Primeira Guerra Mundial? A Bíblia caiu no chão, se abriu no Salmo, ele leu. Lá estava escrito: “Você não pode usar o seu conhecimento, o seu poder para se defender, e continuar atirando nos outros.” Ele entendeu isso, fechou a Bíblia. No mesmo dia, foi transferido para a reserva, para trás, para a intendência. Não precisou de nada; só precisou mudar sua consciência. Entendem o que é uma catarse? É isso. Porém, é lógico, essa é uma catarse do Joel Goldsmith. Um metafísico, um curador, que resolvia problemas “assim” (*num estalar de dedos*). Uma pessoa ligava às duas da manhã para ele e falava: “Ai, meu cunhado está...” “Pode parar. Está bem. Vá dormir. Pronto.” E o cunhado estava curado. Esse era o ser que estava na trincheira. Então, quando mudou seu pensamento, acabou, acabou a guerra para ele no mesmo dia. Porque a capacidade cocriadora do Joel Goldsmith é gigantesca. Leiam os livros dele, para vocês terem uma ideia do quanto ele entende do assunto. Um ser dessa magnitude, não há o que não faça; tanto é que as balas passavam do lado. Ele podia atirar; porém, a bala do inimigo só passava, passava, passava. Foi aí que a Bíblia se abriu e ele leu que

não podia fazer aquilo, porque ele tinha dado um comando que fazia as balas passarem por ele sem atingi-lo.

Quando falei aqui, outro dia, que se o jogador de futebol se iluminasse, um goleiro, nunca mais seria jogador de futebol, é a pura verdade, certo? Porque, se o Joel era capaz de fazer as balas passarem - eram balas - passarem por ele, imaginem um goleiro, quando a bola viesse para o seu gol, faria com que ela fosse para longe, não é verdade? Um goleiro iluminado, quando o artilheiro chuta, ele determina: fora, fora, fora. Acabou, não há mais jogo; não há jogo, não há campeonato, não há mais nada. Para haver jogos competitivos, como são os desse planeta, só pode ser com seres não iluminados.

Em planetas onde há iluminação do povo, não existe nenhum esporte competitivo, do tipo dos que existem aqui, com essa violência toda. Não existe. Essa competição e violência existem porque existe o arquétipo do jogador de futebol. O sujeito, o arquétipo, quer jogar bola. É necessário haver um planeta que esteja num estágio bárbaro de evolução, igual a esse aqui, para ele jogar bola. O planeta existe, ele pode jogar bola, lá existe tudo o que existe aqui, pronto. No entanto, quando subir um pouquinho, daqui, sei lá, uns dois mil anos, tudo isso estará mudado; essa carnificina toda que existe hoje vai acabar de um jeito ou de outro. Ou acaba por catarse individual, ou coletiva e quando há uma coletiva, as pessoas aprendem rapidinho, não é verdade?

Nada como um problema sério para fazer a pessoa repensar na vida. Nada como um câncer, um infarto, um A.V.C. (*Acidente vascular cerebral*) para expandir a consciência! Aí, a pessoa muda. “Não, agora não vou mais fazer ‘tal’ coisa, vou mudar minha forma de ser”, etc.

Vai “dourar a pílula”, vai tentar “dourar a pílula”. E isso é só metade da catarse, porque os problemas vão desaparecer com a inflação? Essa é a “ficha” que teria que “cair”. O caminho é horrível, do ser inflacionado, porque infla, infla, infla, infla, o que o ego é capaz de fazer? Só de criar problemas, porque o ego não é o Todo. Quem cria a solução “assim” (*num estalar de dedos*) é o Todo, é o *Self*; o ego não vai criar coisa nenhuma. Então, por mais força de vontade que o outro tivesse, podia errar.

Quando punha os mapas na mesa, os generais lhe perguntavam: “Bem, e agora, está ‘assim, assim, assim, assim, assim’, o que devemos fazer?” Vocês já sabem, não é? Subalterno treme, não abre a boca; se der tudo errado, foi o chefe que mandou, certo? Ninguém vai tomar decisão nenhuma, é melhor ficar na “zona de conforto”. O sujeito estava estressado, doente, não comia, não dormia, etc., etc., etc., quer dizer, ele estava no limite total do seu sistema nervoso central, e falou: “Façam isso...” Ninguém, ninguém falou: “Chefe, essa não é a melhor decisão.” Não, o chefe mandou. O chefe mandou, está mandado, fazem a besteira. No dia seguinte, outra besteira. E assim foi que perderam a guerra.

Agora, o pior dessa História da Segunda Guerra, o pior, e que a História não conta. Como aquele artista plástico saiu da prisão, sem um centavo no bolso, sem ninguém, e conseguiu fazer o que fez. Entenderam? Para quem gosta da *matrix*, é horrível essa historinha, não é? Para quem gosta de viver na *matrix*, essas histórias são... É tão fácil, é tão confortável acharmos que isso aconteceu por obra e graça da natureza, que o sujeito tinha uma força de vontade extrema. Tinha, realmente, mas, vocês também têm uma força de vontade enorme e cadê as casas, carros, apartamentos? Entenderam? Podem botar força, aí, o quanto vocês quiserem; cadê, cadê, cadê? Tentem fazer, tentem; tentem duplicar aquele sujeito. Quem financiou o sujeito? Essa é a questão, entenderam? Como sai zerado e, em questão de dois anos, o sujeito já é um poder a ser respeitado? Perceberam...?

Plateia: (*Manifestações de algumas pessoas, que provocam risos gerais*).

Se eu fosse falar do mapa, ficava aqui o resto do século, só contando historinha do mapa, entenderam? Para ver se a *matrix*... Oh, saiam da *matrix*, saiam, saiam. Porque a *matrix* é isso. É

isso. Ele recebeu fundos para fazer o que fez, e isso não aparece em lugar nenhum. E, do outro lado, aconteceu a mesma coisa. E isso acontece há séculos, *secula seculorum*, *secula seculorum*, isso vem acontecendo. Faz seis mil anos, no mínimo, que está acontecendo, e continua, e continua. E todo mundo, na “santa paz”, certo? Todo mundo vendo televisão, novela, futebol, filme.

Quando se tira o ser humano da rotina, ele estrala. Se quiserem que o ser humano fique em paz, quietinho, é só lhe dar uma rotina: levante-se, faça “isso, isso, isso, isso”, trabalhe, volte. No dia seguinte, “nã-nã-nã”; uma semana, um mês, um ano, pronto; daí a trinta anos ele se aposenta, morre e pronto; “beleza”, nunca criará problema nenhum. No entanto, se tirá-lo da zona de conforto? O problema é quem o está tirando da zona de conforto. Quer dizer, então, os físicos que estão falando de Mecânica Quântica são um problema, certo? Porque estão criando uma situação que obriga as pessoas a pensarem. Então, ocorre a reação: “Corta essa” de Mecânica Quântica. Não é assim, que vocês veem a reação das pessoas? É. Tentem falar de Mecânica Quântica para os amigos e conhecidos e verão o que acontece. A solução de tudo isso poderia acontecer rapidamente, se houvesse um número mínimo de pessoas engajadas, para formar uma massa crítica.

Plateia: Por que não pode fazer a RH para uma comunidade inteira, a fim de atingir a massa crítica?

Prof. Hélio: Por que não pode fazer RH para uma comunidade inteira, para formar uma massa crítica?

Prof. Hélio: Isso (*respondendo a uma sugestão vinda da plateia*). Em dezembro, vem o Papai Noel.

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: Ele vem com uns trenós, vai jogar uns saquinhos de presentes. Nas maternidades, está sendo criada uma “cegonha porto”, para elas desovarem, trazendo os bebês no bico e jogando. Assim, o povo pega, e elas vão e vêm. Nasce muita gente, não há cegonha para tanto. Entenderam? Em que mundo...? Não “cai à ficha”, vocês entenderam? Não “cai a ficha”. Foi muito bom ele ter falado isso.

Duas horas e meia falando sobre como o povo reage a qualquer manifestação do Todo no mundo material. Pronto. Entenderam? Já foi falado aqui, de novo, que a Ressonância é um processo para poucas pessoas, poucas, pouquíssimas, para que possa ser feito o trabalho até X tempo. Da mesma forma, que Jung precisou trancar “Os Sete Sermões aos Mortos”, quando tinha vinte e um anos, senão não chegaria aos oitenta e três. É a mesma situação. Se isso for entendido em larga escala, acabou-se, acabou-se “assim”, “assim” (*num estalar de dedos*). Porque as pessoas não entendem isso. Não entendem o que é Mecânica Quântica, perceberam? A pessoa assiste a essas palestras, ou aos cinquenta e três DVDs, e pensa, a maioria pensa, que a Ressonância é para comprar casa, carro, apartamento. E o inverso disso, e o inverso. Esta é a dualidade. Estamos num universo criado pelos humanos, dual, uma sociedade dual. Aqui existe bem e mal, neste planeta, perceberam? A resposta primeira, do ego das pessoas, de n pessoas, será de aceitação? Comente com os seus amigos, comente com o seu irmão, comente com quem você quiser, chegado, desse nível horizontal, aqui de baixo da pirâmide, aqui, aqui embaixo. Comente com eles e vejam a reação. E imagine um *degrauzinho* acima.

Este trabalho – eu vou falar de novo – este trabalho não é suicida. É para ser feito e deixado documentado para a posteridade. Como Nietzsche falou: “Meu trabalho nasceu póstumo. Só vão me entender daqui a cento e cinquenta anos”, e ainda não entenderam. Jung entendeu, mas quantas pessoas entenderam Nietzsche? Um, meia dúzia, certo? Até a atualidade há quem diga: o sujeito é um louco.

Este trabalho é a mesma coisa. É um trabalho para depois, requer longo tempo, longo tempo de maturação. Tem que ser documentado o máximo possível. Pronto, aí germina por si só. Essa é a tentação, que eu não tenho, tanto é que já pus tudo *free*. Tudo *free*. É preciso entender como é o mapa, o mapa real. É por isso que eu citei o outro lá, porque eu não gosto de falar dele, raramente eu falo dele, entenderam? Mas é um exemplo espetacular. Do nada, o sujeito fez, com o quê? É a mesma situação.

A multiplicação precisa ser por meio de pessoas que entram na individuação e passam para outro, que passa para outro, que passa para outro; aí, as pessoas que estão à volta perceberão a sua mudança, algumas delas também quererão mudar. A maioria será contra, mas um aqui, outro ali, outro ali, outro ali, outro ali, outro ali, “de grão em grão, a galinha enche o papo”, como se diz. Mas, é um processo de individuação.

O trabalho da Ressonância é personalizado, individualizado, feito por uma única pessoa. O dia tem vinte e quatro horas, o mês tem trinta dias; logo, para quem está no corpo físico, existe uma limitação física, de tempo – vinte e quatro horas por dia. Qual é a capacidade que se pode produzir dentro de vinte e quatro horas, sendo que é preciso se alimentar, dormir, etc.? Tem que sobrar um... Senão a galinha morre, certo? Se tirar ovo, ovo, ovo, e chicotear a galinha: “Galinha, mais ovo, mais ovo, mais ovo”, ela vai embora, morre. Mas, se respeitar os tempos de produção da galinha, vai haver bastante ovo, ainda por bastante tempo. Porém, mesmo produzindo no nível máximo, é para um número muito pequeno de pessoas, porque esse trabalho não foi feito para comprar casa, carro, apartamento, para sete bilhões de pessoas. O objetivo não é esse. O objetivo é a individuação. Espero que hoje tenha ficado bem claro isso. O objetivo é a individuação, é a união com Deus.

A Ressonância pode provocar “saltos” de consciência sem parar, para que isso ocorra com extrema facilidade, e você ganhe encarnações e mais encarnações numa só; em vez de gastar um milhão de anos para chegar lá, você pode chegar rapidamente. Essa é a oportunidade, quem quer pega; quem não quer, não pega; sem problema, livre-arbítrio. O trem passou pela estação; você pegou o trem? Ótimo, não pegou? Paciência.

Não é por acaso que vocês estão nesta sala hoje. Não é. Todas as pessoas que vêm aqui são preparadas, trazidas, selecionadas, para ter acesso a esta informação. Isso não é aleatório, não. Cada um, aqui, já recebeu *n* orientações, do “outro lado”, antes de ter vindo aqui, antes que a pessoa tenha descoberto a Ressonância. Quando estava no *You tube* ou no *Face*, e “Achei!” Nunca tinha ouvido falar da Ressonância e, “Descobri esse negócio”, é por acaso? Não há nada por acaso. Essa pessoa foi conduzida a clicar, clicar, clicar, até achar aquela informação, porque ela já estava pronta para ter acesso àquilo; resolvido. Aqueles que clicam aleatoriamente e descobrem e falam: “Oh, esse é um louco”, pronto, eles já nem param naquela tela; porém, o que está preparado, esse para, presta atenção; esse lê, escreve, vem, etc. Vem à palestra. O fato de estar aqui é um excelente sinal, excelente. Agora, precisa de um *passozinho* “desse tamanho” (*pequeno*) – e isto é arquetípico também.

Há dois mil anos um jovem se dirigiu ao Mestre e falou assim: “Já fiz tudo o que precisava fazer. Cumpri a Lei totalmente. O que eu faço agora?” Então, esse estava seguindo, não é? O que o Mestre disse? Bem, supostamente, este jovem está pronto para a iluminação, certo? Está pronto, supostamente, porque veio seguindo as regrinhas todas, quer dizer, a “burocracia” da coisa, ele fez; é um burocrata, seguiu, seguiu, seguiu, seguiu *n* regrinhas, à risca. Mas então, *face to face* (*frente a frente*) com o Todo, o que o Todo pede? Tudo – lembram-se? Volte atrás, um pouquinho – tudo, tudo, o ego todo, tudo – não vou “dourar a pílula” – tudo. O Mestre falou para ele: “Ótimo. Excelente! Venda tudo o que você tem e me siga.” E aí o moço ficou muito triste, porque tinha muitos bens; virou as costas e foi embora. Ele estava seguindo; mas, na hora em que o Mestre falou: “Solte tudo o que você tem, e aí, sim, você pode seguir o Todo”, ele ficou triste. Este é um fato arquetípico.

Isso acontece desde dois mil anos para cá, sempre. É um arquétipo vivenciando, então... O convite é feito para todos, mas poucos atendem, poucos aceitam, poucos pagam o preço. O não pagar o preço significa o seguinte: a estagnação da evolução espiritual desse ser. Porque, vamos supor, você está aqui encarnado, e não paga o preço; então, passa para o *lado de lá*, acorda num hospital, normalmente, se tudo correr bem; depois de um tempo de recuperação, vão falar: “Bem, e agora, o que você quer fazer?” A próxima dimensão é, praticamente, igualzinha a essa aqui, porque é pertíssimo; então, é tudo muito igual, muito. “Existe escola, existe fábrica, pesquisa etc. O que você quer fazer?”

Essa pessoa ficará mais cem, duzentos, quinhentos, mil anos, sem evoluir, porque ela sai, dorme, levanta, acorda, vai trabalhar, vai estudar, vai fazer qualquer coisa, volta, entra ano, sai ano, vinte, trinta, um século, dois, três, quatro. Chega uma hora que fica meio chato continuar evitando ir para frente, não é? Então encarna de novo, compulsoriamente ou não – depende cada caso é um caso – então “baixa” aqui de novo, passa pela fase de criança, ego, inflaciona, tudo de novo - mais cinquenta, setenta, oitenta anos - toda a história de novo; e ele continua se recusando à individuação, certo? Porque se do “*outro lado*”, ele não quis, ficou filosofando, imaginem. Deste lado vocês têm uma desculpa, não é? “Ai, será que existe o lado espiritual? Será que é isso?” Dão um monte de desculpas porque estão encarnados. “Eu não estou vendo, não estou vendo, não estou sentindo, não estou pegando o espírito”. Não é assim? Porém, quando a pessoa passa para o *lado de lá*, aí acorda, vê que existe este lado, e vê que ela está do *outro lado*. “Era tudo verdade, e agora?” Mas, então, racionaliza tudo e “empurra com a barriga”, “empurra” mais quinhentos anos, encarna, vem para cá, “empurra” mais setenta, oitenta, e desencarna; em seguida vai para lá, “empurra” mais quinhentos, mais trezentos, e vamos assim *ad infinitum*.

Escutem, não é assim que funciona o Universo, lembram-se? Lembram-se da Teoria do Caos? A pessoa caiu na zona de conforto e pode se recusar a crescer, se recusa, recusa, recusa, recusa, falando: “Há uma fila enorme para encarnar”. Porque é um privilégio poder estar aqui encarnado. A fila é gigantesca.

Deve haver, mais ou menos, uns trinta bilhões, do lado de lá. Há sete bilhões do lado de cá e deve haver uns trinta do lado de lá; é mais ou menos isso. Esses trinta, muitos deles na fila, esperando poder voltar para cá. Existem as seguintes possibilidades: Estados Unidos, França, Alemanha, Suíça, Suécia, Brasil, Argentina. Pega-se o currículo do indivíduo e fala-se: “Bem, já foi suíço, e fez o quê? Nada. Foi francês, nada. Foi alemão, nada. Foi americano, nada. Foi..., nada, nada, nada de nada.” Quer dizer, esse sujeito já esteve nas melhores condições possíveis e não fez nada? Agora, na fila, nós temos: “Este aqui, que está prestando..., cada vez que vai lá, ele presta um serviço extraordinário; e ‘esse aqui’ é do nada. Olha, sinto muito, amigo. ‘Este aqui’ vai ter que...”

Plateia: (Risos)

Prof. Hélio: “Você terá que dar lugar para esse aqui, que vamos colocar onde ele tem condição de produzir, e você... Sudão, Zaire...” Entenderam? Mais cedo ou mais tarde – porque não há vaga – mais cedo ou mais tarde, a pessoa cai, cai numa guerra civil, como em Ruanda, onde mataram de oitocentos mil a um milhão, a facção, por causa do tamanho do nariz; o nariz pequeno contra o nariz grande. Fazer o quê? Tinha que ocorrer. Não havia lá, de oitocentos a um milhão? Havia. Um milhão de seres encarnaram em Ruanda e foram mortos a facção.

Por que esse um milhão estava em Ruanda e não no Brasil? Podem ter certeza de que eles criaram essa situação para si próprio. Estão vendo só essa encarnação aqui. Mas, não é assim, amigo; puxa dez mil anos atrás, lembra-se?

Vem à cliente e fala: “Ai, eu quero ganhar dinheiro, eu quero isso, eu quero aquilo”. Diz: “Em dois meses de Ressonância, não consegui ainda”. É, pois é; ela abandona. Porém, não sabe que, dez mil anos atrás, ela fez *n* sacrifícios humanos; agora esqueceu. É muito cômodo quando se está *do lado de cá*, esquecer todas as atrocidades que se fez há quinhentos, mil anos. No entanto,

peguem a História da humanidade. Peguem a História da humanidade e deem uma lida. Quem fez tudo aquilo? Perceberam? Foram pessoas, pessoas. Quem fez a Inquisição? Quem matou milhões de pessoas? Foram pessoas que torturaram etc., etc., etc. “Ué, e onde estão essas pessoas”? Essas pessoas morrem, passam para o *lado de lá* e falam o quê? “Sinto muito, eu não sabia o que estava fazendo. Só cumpri ordens.” Todo mundo, em Nuremberg, só cumpriu ordens. Nossa! É “uma beleza”, não? O chefe mandou. É ótimo raciocinar desse jeito, não? É a zona de conforto total. “Não, o chefe mandou.” Escutem: Amigos! Existe o chefe e existe O Chefe. O chefe terrestre pode mandar “daqui” até “aqui” (*pequeno intervalo*), mas o *Self*...Porque, se sua atuação for a serviço do ego, leva a isso.

Plateia: Ouvi sobre os guardas do campo de concentração que fazem yoga e meditação.

Prof. Hélio: Eles ficam “melhores” ainda. Vocês já imaginaram os guardas do campo de concentração, todos fazendo *yoga* e meditação?

Plateia: (*Risos*)

Prof. Hélio: Vão ficar muito mais “eficientes”. Qualquer método que for, se não levar à individuação, não serve, não está servindo para nada. Se for só para conseguir casa, carro, apartamento, é uma abominação, certo? Qualquer metodologia que chegue perto mais perto do Todo – meditação - usada para conseguir coisas materiais, é uma abominação.

Bem, vai haver uma próxima palestra, em que falaremos disso, sobre magia.

Obrigado, Boa noite.